

As declarações antimaniquéias e antipelagianas de Santo Agostinho

FAPCOM

Guilherme Cavagna Godoi

Orientação: Prof. Dr. Pedro Monticelli

Resumo: O objetivo deste estudo é esclarecer e explicar as críticas que Santo Agostinho, nobre filósofo da Idade Média, faz sobre os fundamentos e razões que compõe a doutrina maniquéia e pelagiana, sobretudo no que se refere à fundação do maniqueísmo e suas explicações acerca do mal como matéria. Também, neste mesmo estudo, será apresentada a declaração crítica que Agostinho faz contra Pelágio e sua relação com a Graça.

Palavras-chave: Santo Agostinho; Maniqueísmo; Pelagianismo.

1. Introdução

Santo Agostinho, durante boa parte de sua vida encontrou-se frente à inúmeras teorias e afirmações que colocavam os fundamentos filosóficos metafísicos em situações opostas com relação à verdade e até mesmo contra a própria filosofia. Agostinho tomou para si estes mesmos fundamentos metafísicos, e desse modo desenvolveu sua filosofia ímpar. Ao decorrer do estudo será estabelecido como Santo Agostinho realiza suas críticas contra os escritos dos Maniqueus, quando os mesmos afirmam o mal presente no mundo como uma matéria e suas extensões. Com respeito à Pelágio, Santo Agostinho tece declarações acerca da natureza da Graça e apresenta uma visão distinta daquilo que estava sendo feito por Pelágio.

2. Sobre a doutrina maniquéia e seus fundamentos

O Maniqueísmo foi fundado na Ásia, aproximadamente no século III por Mani, um monge que nasceu em 216 d. C., na região do distrito de Mardinu, entre os rios Eufrates e Tigre. A biografia de Mani, apesar de difícil acesso é compreensível; quando criança, foi levado junto ao pai para

uma nova comunidade onde iriam residir: a comunidade dos helxassaítas. Segundo a história, foi nesta comunidade que Mani foi visitado por um anjo do Reino da Luz que trouxe a anunciação da formação de uma futura religião; passaram longos anos até que Mani atingisse idade madura para revelar ao mundo a verdadeira fé, com vinte e seis anos Mani adquire consciência e começa a propagar sua religião. Dentre mudanças geográficas decorrentes de desavenças políticas-religiosas, Mani foi perseguido e morto. Existem divergências quanto a sua morte, inúmeros livros que comentam a doutrina desacordam frente ao processo: existem aqueles que afirmam que Mani foi crucificado e exposto nos portões da cidade, outros explicam que seu corpo foi jogado aos cães e sua cabeça foi arrancada. Contudo, os comentaristas e especialistas concordam na semelhança deliberada entre a história de Mani e a de Jesus Cristo. A história da vida de Mani é quase uma cópia da história de vida de Jesus Cristo. Posto isso, é importante ressaltar que o maniqueísmo não acabou após a morte de seu líder, ele se expandiu até a Europa e África.

O maniqueísmo constituiu-se de uma religião baseada em princípios orientais (Budismo e Zoroastrismo) com uma doutrina ontológica e materialista, sua tese como sistema religioso baseia-se em dois tipos de substâncias que são eternas: a luz e as trevas, ou, o bem e o mal, e ainda, o espírito e a matéria. Para esclarecer os detalhes do maniqueísmo devemos recorrer ao mito maniqueu, e entender que toda a sua doutrina foi elaborada com os conteúdos apresentados na narrativa. Esse mito, extenso e complexo, será explicado de uma forma breve e geral, com a finalidade de elucidar as definições mais importantes sobre a doutrina maniqueísta. O mito consiste em uma narração revelatória e está contido em um gênero maior, uma chave de interpretação filosófica e histórica. A preocupação maniqueísta era responder à pergunta sobre a origem do mal no mundo: como Deus, o sumo Bem, pôde deixar com que o mal tomasse uma parte do mundo e dos acontecimentos que pertencem ao mesmo? ou, nas palavras do Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (2004, p. 276):

Os maniqueus estavam preocupados em responder a uma simples pergunta: como é possível compatibilizar os males presentes no mundo: as injustiças, as desgraças, os ódios, as pestes, as calamidades, as misérias dos homens, os defeitos das sociedades, e muitas outras, com a bondade de Deus? Ou

seja, Deus-o Bem, pode ser a causa do mal? ou devemos admitir a um outro ser, tão poderoso quanto Ele, a causa do mal?

Desse modo, os maniqueístas constroem uma doutrina que tira a culpabilidade de Deus, tornando-o isento de todo mal existente no mundo. Segundo o mito maniqueu, e como já foi dito anteriormente, existem dois princípios ontológicos: o primeiro, Reino da Luz, morada do Pai da Grandeza, segundo consta, uma cidade de beleza exuberante e incomparável. O Pai da Grandeza, de acordo com Costa (2004), é de natureza física, corpóreo, que ocupa um espaço, é infinito e ilimitado, entretanto, não possui forma humana. Quanto ao segundo princípio ontológico, chamado de Trevas ou identificado como Noite, lá correm os ventos mais hostis já criados, região onde o fogo habita e é definida por Costa (2004) como noite da matéria, do erro, da morte, da carne e do desejo.

Tendo em vista a história do mito maniqueu e suas formulações, é conhecido que esses dois princípios ontológicos não sabiam da existência um do outro, até que em certo momento o reino das trevas, ou o Príncipe das Trevas viu as belezas da Luz, e assim como afirma Costa (2004, p. 278): “[...] O Príncipe das Trevas viu o espetáculo admirável e esplêndido da Luz, bem superior ele, daí, invejoso e enraivecido, foi até os confins do Reino da Luz e provocou um grande tumulto, transformando os cinco elementos da matéria em cinco criaturas ou emanações suas [...]”

Essas cinco criaturas são os animais que nasceram da fumaça; as serpentes, que nasceram das trevas; os quadrúpedes, que nasceram do fogo; os animais que nadam; que nasceram das águas e as aves que nasceram do vento. O Príncipe das Trevas lançou contra o Pai da Grandeza todas as suas criações. O Pai da Grandeza, vendo-se atacado, projeta e evoca a Segunda Grandeza do Reino, ou Homem Primordial, que é vencido pelas trevas e sendo assim, se entrega aos inimigos do Reino da Luz. É feito de prisioneiro, mas é protegido pela sua armadura de cinco camadas, o éter, ar, luz, fogo e água; enquanto prisioneiro, tem sua alma devorada pela matéria. Frente ao aprisionamento, a Segunda Grandeza começa a exaltar hinos, cânticos e preces ao Pai, e o Pai escutando suas súplicas fez surgir outra emanação, chamada de Espírito Vivificador, ou Terceira Grandeza; ele se desloca até as profundezas do inferno da trevas e resgata o Homem Primordial, no entanto, este

deixa para trás a sua armadura que continha as cinco camadas, todas misturadas à matéria. O Espírito Vivificador toma forma feminina de uma bela virgem, e os demônios ou arcanjos do mal, conforme Costa (2004), expõem os seus espermas frutos de um desejo carnal; desse modo, uma parte do esperma sobe em direção à luz e a outra cai sobre o chão, fecundando a terra. Essa fecundação dá origem aos animais, às árvores e, principalmente, à Adão e Eva.

E nesse cenário de libertação, Costa afirma: “[...] entra em cena um quarto personagem - Jesus, quarta emanção do Pai da Grandeza ou Quinta Grandeza do Reino [...]” (COSTA, 2004, p. 279). Posto isso, essa nova grandeza tem como função limpar as almas e salvá-las da mistura, isto é, da combinação de alma e matéria. O maniqueísmo toma a figura de Jesus como um libertador, transmitindo a gnose, fazendo com que as partículas de luz tomassem conhecimento.

Surge aqui, dentro do mito maniqueu, a principal crítica que Santo Agostinho faz sobre a doutrina do maniqueísmo: eles apresentam o corpo como matéria, e afirmam que toda matéria é má, assim, tomam o mal como substância. Logo, o corpo seria um aprisionamento das partículas de luz. E como uma das piores prisões, o corpo aprisiona para continuar a gerar mais corpos, em um movimento de postergação para a salvação das partículas, visto que essa geração é uma clara referência ao matrimônio e à reprodução.

3. Sobre a doutrina pelagiana e seus fundamentos

Não sabemos muito sobre Pelágio, e o que sabemos ainda é controverso, alguns estudiosos e especialistas afirmam que Pelágio nasceu na região onde hoje é a Inglaterra, outros afirmam que foi na região da Irlanda, e ainda, há alguns que dizem que ele nasceu na Inglaterra e foi criado na Irlanda. No entanto, para o presente estudo, isto não importa. Pelágio ficou conhecido logo após chegar em Roma, suas cartas com críticas severas à sociedade romana foram disponibilizadas ao público.

Conforme explica Frangiotti (1995), assim que Pelágio chega em Roma para exercer seu trabalho como monge, se depara com a situação moral na qual se encontravam os cristãos da época; o monge recém-chegado fica espantado pelo baixo nível moral no que se refere à costumes e ações. Frente a tal conjuntura, Pelágio coloca em prática suas ideias e convicções, seu sistema teológico

parte de uma “antropologia otimista, negação do pecado original transmissível e afirmação da suficiência do homem, sem auxílio da graça para a salvação.”

(FRANGIOTTI, 1995, p. 114)

A questão Pelagiana, entrou para a história como uma questão embasada no pecado original. Pelágio e seus seguidores acreditavam que o homem poderia ter capacidade suficiente para levar a prática daquilo que Deus propõe: fazer o Bem. Diferente de Agostinho, que acreditava que após o pecado de Adão, todos os seres humanos foram marcados, e que não possuímos capacidade para fazer o Bem sem o auxílio da graça; Pelágio aposta que os homens possuem a capacidade moral, não vão em direção ao mal e desta forma, não precisam do auxílio da graça. Como podemos ver em Peter Brown (2017, p. 430):

O pelagianismo havia apelado para um tema universal: a necessidade de o indivíduo se definir e sentir-se à vontade para criar seus próprios valores, em meio a uma sociedade societária convencional. [...] Nessa confusão, a mensagem dura e firme de Pelágio surgia como uma libertação. Ele oferecia ao indivíduo a certeza absoluta, pela obediência absoluta.

Em suas mensagens para a população, disponibilizadas através de cartas, muitas delas direcionadas à inúmeras famílias da alta classe, padres e sacerdotes da Igreja, Pelágio admitia um tom rígido, severo e firme. Para Pelágio e também para aqueles que acreditavam em suas ideias, os homens não possuíam desculpas para os seus pecados cometidos, eles diziam que se a natureza é essencialmente boa, o problema do mal que os cercavam vinha de fora, de algo externo a eles, isto é, a razão para aquilo que era desagradável não deveria partir de seu interior. Por fim, como bem exemplifica Brown (2017, p. 434) “[...] Os pelagianos depositaram no indivíduo o peso assustador da liberdade completa: ele era responsável por todos os seus atos; portanto, todo pecado só podia ser um ato deliberado de desprezo por Deus.”

4. As declarações de Santo Agostinho contra os Maniqueus

Agostinho desenvolve ao longo de sua trajetória filosófica diversas críticas contra falsas teses que submetem o nome de Deus ou atributos ligados à ele. Depois de nove anos dentro do berço maniqueísta, e após a sua conversão em Roma, no ano de 387, o bispo de Hipona desenvolve aprimora seus textos contra os maniqueístas, segundo Brown “Os maniqueístas haviam oferecido a Agostinho uma sabedoria ‘pronta’. Mas agora ele começava a apreciar os grandes atrativos de uma vida inteira de disciplina filosófica, passada na modesta rejeição das opiniões falsas.” (BROWN, 2017, p. 96) No presente texto, duas teses serão esboçadas e explicadas: a primeira, que diz respeito à bondade de Deus. Em Gênesis, aparecem inúmeras vezes a repetição da palavra “bom”; o livro é odiado pelos maniqueus, pois, trata acerca da bondade de Deus no mundo, como é posto à seguir:

No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas. Deus disse: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, GÊNESIS 1, p. 33)

Desse modo, assim como no trecho citado e durante todo o capítulo, as expressões que ligam Deus à bondade aparecem. E aí está o cerne da primeira crítica, Deus criador dos céus e das terras, criador dos luzeiros, criador dos animais e de todas as criaturas que vivem na terra, fez porque é justa e unicamente bom. Frente a esta narrativa complexa e densa, maniqueístas não aceitam o poder de Deus junto com as suas criações.

A segunda crítica, uma das mais importantes, é a negação do mal como matéria. Isto é, os maniqueístas acreditam que o mal está intimamente ligado à matéria e, durante a narração mitológica dualista, o corpo contém matéria, portanto, o corpo é matéria e toda matéria é má. Agostinho confronta essa falsa afirmação maniqueísta, o filósofo afirma que o mal não nasce na matéria, o mal está na vontade do espírito; ele não tem uma origem, ele é um princípio. Acrescenta ainda que nenhuma natureza, como tal, é má. Na passagem, Agostinho define, “[...] nenhuma

natureza, como natureza, é má, e não há mal em qualquer natureza senão quando se reduz o seu bem.” (AGOSTINHO, 2019, p. 31)

Agostinho esboça a sua tese fazendo alusões a criação dos anjos. Ele percorre, no capítulo IX do livro XI da Cidade de Deus, a trajetória exposta no capítulo um da Bíblia, Gênesis, de modo quase sistemático, a fim de provar uma tese pensada de que os anjos seriam luzes criadas ainda no primeiro dia, e o mal, principal problema filosófico em Santo Agostinho, se dá pelo afastamento das criaturas racionais de Deus.

Passo agora à explicação do capítulo IX. Não é possível saber precisamente quando os anjos foram criados, as Sagradas Letras não dizem qual foi a sua natureza ou sua ordem. Desse modo Agostinho supõe, tomando como base o Salmo 148, que os anjos foram criados no primeiro dia; e para rebater aqueles que ousarem questionar o filósofo acrescenta: “(...) opõe-se-lhe à insensatez a passagem igualmente autorizada da Escritura, em que Deus diz: ‘Quando foram feitos os astros, meus anjos louvaram-me em altas vozes.’ Logo, quando foram feitos os astros, os anjos já existiam.” Portanto, os anjos não foram feitos no terceiro dia, pois, no terceiro as águas foram separadas, dando origem à terra; nem no segundo dia, porque nele foram realizadas o firmamento entre águas inferiores e superiores, dando origem aos céus. Não foram feitos no quarto dia, visto que, no quarto dia foram feitos os dois luzeiros, isto é, os dois grandes astros. Assim sendo, Agostinho chega ao ponto mais alto de sua argumentação, os anjos foram criados no primeiro dia, como podemos ver em:

No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas. Deus disse: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, GÊNESIS 1, p. 33)

E receberam o nome de luz, justamente porque são partícipes da luz eterna, que é a sabedoria imutável de Deus, como podemos ver em: “Com efeito, se no que Deus disse: ‘Faça-se a luz e a luz foi feita’, é razoável entender-se por essa luz a criação dos anjos, foram, sem dúvida,

feitos partícipes da luz eterna, que é a sabedoria imutável de Deus, conhecida pelo nome de Unigênito de Deus e pela qual foram feitas todas as coisas.”

Voltando a crítica feita por Agostinho, diz que os anjos são apenas luz enquanto estão contidos em Deus, na luz divina. São apenas anjos com graça, sendo a graça o efeito do amor de Deus no mundo, Ele ama as criaturas que criou, e ama de uma tal forma que infunde nessas criaturas a graça, concedendo uma semelhança de sua vida para as criaturas criadas. Posto isso, e retomando para a tese principal de Agostinho, os anjos, quando voltam-se para si mesmos, isto é, quando são soberbos, se afastam de Deus, tornam-se impuros e corrompidos, e como resultado, são privados da participação na luz eterna.

Logo, concluímos que o problema do mal é um princípio, visto que, um anjo é apenas uma inteligência (nous), não possui corpo nem alma, então o problema do mal está no afastamento dele perante à Deus. Está na soberba e na vontade. Eles tinham a capacidade de não pecar, no entanto, tinham liberdade para escolher.

5. As declarações de Santo Agostinho contra os Pelagianos

Assim como foi exemplificada, a doutrina pelagiana em sua essência questiona se os seres humanos necessitam do auxílio divino, isto é, a graça, para conseguir executar os mandamentos de Deus. Pelágio e aqueles que o seguiam, acreditavam que a graça era somente um auxílio externo ao indivíduo e não um movimento concedido por Deus. Segundo Frangiotti, Pelágio assume a posição de que todos os homens devem ter a coragem para reconhecer e praticar suas virtudes e características, ao invés de ficar esperando pela graça divina.

A questão pelagiana, ou a polêmica com Agostinho estavam no campo do pecado original: por um lado, Pelágio nega a existência do pecado original, argumentando que seria um erro (injustiça) de Deus, pois ele permitiria que todos os seres humanos sofressem com a culpabilidade do pecado cometido por Adão, portanto, segundo a doutrina pelagiana, não deveríamos sofrer por um pecado cometido por um só homem. “[...] A doutrina de Pelágio define o pecado como sendo

apenas um mau uso do livre-arbítrio; não diminui nem sua liberdade nem sua bondade natural, nem, conseqüentemente, seu poder de fazer o bem [...].” (GILSON, 2010, p. 299)

De outro lado, Agostinho argumenta que todo o mal existente é resultado do pecado original de Adão. Adão foi feito livre de qualquer mal, inclusive da morte; desacatou ordens divinas e sofreu por isso: foi expulso do paraíso e foi atribuído a morte física. Segundo Peter Brown (2017, p. 430), Agostinho não tinha dúvidas que o pelagianismo não passava de argumentos:

Para Agostinho, o pelagianismo sempre foi um conjunto de idéias, de *disputationes*, de “argumentos”. Ele não tinha dúvida da qualidade intelectual desses argumentos. Pela primeira vez, em sua carreira de bispo, viu-se confrontado de adversários de calibre igual ao seu, perante uma platéia capaz de julgar um caso puramente com base em seus méritos intelectuais [...].

É importante ressaltar que existem dois aspectos a serem explicados, sem eles, os entendimentos sobre Pelágio e sobre as críticas proferidas por Agostinho ficam opacos, sem visibilidade ou transparência. De um modo, Agostinho afirma que a graça concedida por Deus aos seres criados é uma graça capacitante, isto é, sem ela é impossível praticar boa obra durante a vida. De outro modo, Pelágio acredita que a graça é um tipo de ensinamento ou um conjunto de ensinamentos, onde as criaturas criadas guiam suas ações por estes ensinamentos, a discussão está situada no campo da essência da graça. Santo Agostinho, com rigor frente aos seus pensamentos e escritos, afirma que a graça não é apenas um ensinamento ou doutrina, ela é maior que isso, ela é o movimento do Espírito Santo no coração do homem. Uma atividade divina no interior do homem.

Ainda citando Brown, a diferença entre Agostinho e Pelágio poderia ramificar-se nas mais concretas questões acerca da liberdade e também na responsabilidade social do indivíduo. Pelágio atinge Agostinho em seu ponto mais íntimo: Pelágio e os pelagianos pensavam a Igreja como um grupo pagão, preocupados em demonstrar um bom exemplo, “[...] “o sacrifício do louvor”, matéria tão íntima para Agostinho, significava, para os pelagianos, o louvor da opinião pública pagã, que

seria conquistada pela Igreja cristã como instituição composta por homens perfeitos.” (BROWN, 2017, p. 432)

6. Considerações finais

Podemos considerar dois pontos acerca do que foi discutido: Santo Agostinho é rigoroso no que diz respeito à crítica feita para os maniqueus, o filósofo exemplifica os pontos inverídicos da doutrina maniqueísta e os corrige de forma acessível e despretensiosa, quando afirma que o mal é uma privação ou corrupção da ordem, da beleza e do modo; Agostinho afirma que o mal é um princípio, está na soberba e no afastamento e privação do Criador, assim como um indivíduo doente, que está privado de saúde, tem seu corpo corrompido pela doença. O segundo ponto refere-se aos pelagianos, sobretudo às afirmações que Pelágio faz em seus escritos sobre a Graça e o pecado original; de acordo com Peter Brown (2017) Agostinho encontrou-se frente a pessoas que possuíam a mesma capacidade argumentativa que ele.

Desse modo, Santo Agostinho durante muitos anos de sua vida dispõe de declarações e críticas sobre muitas afirmações e aceções inverídicas que interpretam a Sagrada Escritura de forma desleal e incerta; o presente estudo tentou, de certa forma, abordar as principais declarações feitas por Santo Agostinho de Hipona aos maniqueus e aos pelagianos, a fim de esclarecer e contribuir para o aprendizado deste nobre filósofo.

Referências bibliográficas

COSTA, Marcos. R. N. **A doutrina cosmológico/soteriológica ontológico/materialista dualista maniqueísta**. Revista Española de Filosofía Medieval . v. 11. p. 273-286, 2004.

AGOSTINHO. **A natureza do bem**. Tradução de Antônio Afonso Pereira Júnior, Marcos Roberto Nunes Costa, Agustino Belmonte. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

BÍBLIA de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2. ed. São Paulo: Discurso : Paulus, 2010.

FRANGIOTTI, Roque Aparecido. **História das heresias**: séculos I-VII: conflitos ideológicos dentro do cristianismo. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: uma biografia. Tradução de Vera Ribeiro. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.